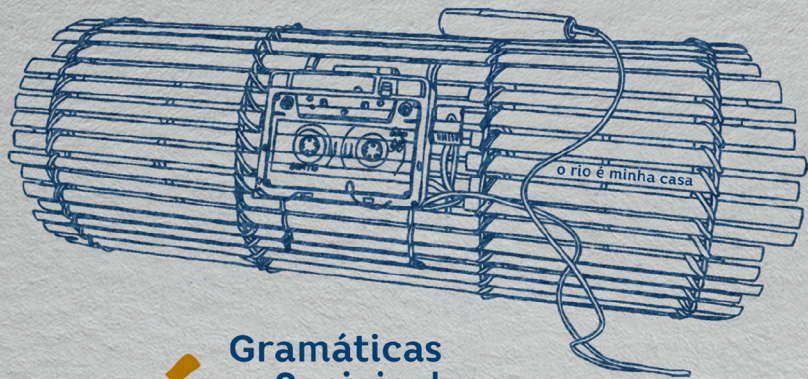


Rádio-Matapi em



Gramáticas
Sociais das
Águas
e das Crianças
amazônidas

Organizado por
Eliana Campos Pojo Toutonge
Grasiela da Cruz Almeida

PREFÁCIO

Inspirada na pesquisa da educadora Eliana Pojo sobre seus estudos sobre a Gramática Social das Crianças das Águas Amazônidas, os matapis, instrumento ancestral de armadilha para pesca, são transformados em um dispositivo analógico que utilize walkmans velhos e fitas cassetes reaproveitadas para que se crie uma instalação sonora e audiovisual a partir das vozes das crianças amazônidas.

De Abaetetuba, Rio Acará e Ilha do Marajó, no Pará, um documentário sonoro e visual apresenta a transmissão de quadros de uma mídia fictícia popular, que servem como alto-falante para que meninos e meninas reverberem suas vozes em entrevistas, músicas, sotaques e sons das águas no contexto da COP30. Na ocasião, a obra do fotógrafo marajoara Eliseu Pereira é apresentada, a partir de um olhar afetivo sobre seu povo, com destaque para o brincar das crianças nas águas, em Muaná e região.

Durante a visitação é possível interagir com a Rádio-Matapi através do manuseio dos toca-fitas matapianos, além de acessar uma publicação inédita que funciona como um glossário desses pescados de mensagens das crianças das águas amazônicas.

Igor Amin
Instituto Mundos

Saiba mais em www.institutomundos.com.br/radiomatapi



*Esta publicação é um conteúdo complementar da obra Rádio-Matapi, de Igor Amin, Eliana Pojo, Grasiela Almeida, Isaias Magno e Eliseu Pereira. Documentário cocriado por Igor Amin, Breno Conde e Eliseu Pereira. Cenografia por Reynaldo Bruck, Rafaela Ribeiro e Cecília Ribeiro Bruck. Uma homenagem às Crianças Amazônidas com narração de Hendria Fernanda e Ariely Pimentel.

Materiais: Talas, Barbantes de Plástico, Balsinha, Pirografia, Alto-falantes e Microfones, Vídeo documentário, Vídeo Experimental.



Foto: Arquivo De Bubúia Amazônica

Organizadoras

Eliana Campos Pojo Toutonge
Grasiela da Cruz Almeida

Abaetetuba e Acará (PA)





"Perto de muita água tudo é feliz..."

Guimarães Rosa (Grande Sertão Veredas)

AGUATÓRIO, A FAVOR DAS CRIANÇAS

Concretamente, atravessamos rios, mares e tempos, sentamos com pessoas nas beiras e, assim, fomos construindo relações (crianças e pesquisadoras) permeadas por diálogos, brincades, contares, ouvires, histórias. Aprendemos, mutuamente, regras e táticas de jogos, de brincadeiras e do nado, banhámo-nos nas águas dos rios Baixo e Alto Itacuruçá, Acará, Campompema, Tauerá-Açú, entre outros. Foi um encontro nas águas das crianças, na perspectiva de fazer da investigação um brinquedo, um espaço- tempo do brincar. Nas comunidades, estivemos implicadas nas cotidianidades recreativas, culturais, educativas; adentramos nos modos de viver às margens, nos quais a pesquisa se fazia ação e aprendia das culturas infantis em territórios amazônicos. Por isso, conversamos permanentemente sobre água e águas, sobre culturas amazônicas, de modo geral. Também, fomos indagadas sobre a pesquisa, sua finalidade e o retorno para a comunidade: *É para falar o que a gente brinca n'água? Sobre a Amazônia?* (Amanda, 6 anos); *Ficamos aqui no salão e depois fomos lá pra fora, ver a natureza* (Manuella, 05 anos); *Quando vocês vão voltar de novo?* (Manoel, 5 anos); *Eu gostei, porque pudemos brincar de rolar na grama e gritar* (João, 4 anos).

À medida que os encontros aconteciam, intensificavam-se as relações interpessoais e expunham-se os afetos, de tal forma que tecemos uma vivência intensa e marcante nas nossas vidas e no campo, em termos políticos e afetivo-emocionais (Brandão, 2007). Deu-se assim pelo fato de, durante os diversos momentos, termos alcançado estima e aproximação com elas. Dessa forma, houve atenção com a alimentação, com a segurança e com o tempo no rio. Na maioria das vezes, os encontros ocorreram num clima afetivo, carregado de emoção, alegria e relaxamento nas águas ou na beira do rio e, sobretudo, por expressão corporal, por criatividade e por falatório. Estávamos, a nosso ver, em completa travessia pelas águas e sob a pilotagem das crianças, dada a cumplicidade com que nos chamavam para as canoas no ir e vir no rio, para os registros dos pulos, durante uma avaliação ou um lanche, nos cumprimentos ao final de cada encontro, recheados de perguntas sobre a vida. Nesse aguatório da pesquisa, tínhamos em mãos celulares e cadernos de campo a registrar, bem como a parceria das crianças fazendo juntas os demais registros de risadas, conversas, gritos, olhares, sorrisos e alguns choros, como dos bebês de colo, que se mostravam desejosos das águas, pois ficavam na expectativa que algum adulto lhes conduzisse ao rio.

Cabe informar que os conteúdos da cultura das águas amazônicas se mesclam, dentre outros, a situações como a do fechamento de escolas, o de postos de saúde sem atendimento, o de insegurança no transporte escolar, assim como ao banheiro criativo de desenhos, de gestos corporais, de registros fotográficos dos caboclos mirins representando os múltiplos sentidos reais e simbólicos de suas infâncias, resistindo, também, pela ludicidade aquática e por toda conexão com a floresta e com a terra, com as águas amazônicas. Falamos de um tempo de pesquisa de, praticamente, uma década, matizada em diferentes rios e igarapés, furos e praias, beiras e trapiches, sempre junto e parceirando com crianças, desde seus corpos transmissores de uma vida infantil beira-rio, em gapuia de brincares, de banhos, de linguajares, de pontos de vista acerca do viver na Amazônia paraense, em sua diversidade. A pesquisa objetivou promover o conhecimento e a valorização das gramáticas sociais das águas por crianças de territórios tradicionais da Região do Baixo Tocantins, na perspectiva de iniciar como remendando uma canoa, logo, artesanalmente e vagarosamente, apontamentos/pensares de uma (outra) pedagogia da infância amazônida, desde experiências e saberes, brincares e interações, potenciais e ausências de crianças do território das águas, que estavam, como dizem, à flor das águas¹.

Importante frisar que o convívio com as águas é um costume antigo e persiste com os caboclos mirins. É algo aprendido e passado pelas gerações; portanto, funciona como um levante étnico-racial em gritos de águas. Nesse sentido, o viver nas águas é um aprendizado urgente. Da ordem do valor patrimonial da Amazônia às crianças. Por conseguinte, esta pesquisa é um grito das águas por crianças amazônidas ante a urgência de nos sensibilizarmos/agirmos a favor do ecossistema planetário (do aguatório amazônico), que se interliga com tudo devido ao forte colapso causado pelo uso abusivo de todas as formas de degradação, decorrente de um sistema que diferencia as pessoas e coisifica a natureza. Todos precisam viver, e não apenas alguns, como essa lógica apregoa. Outra ordem à natureza em prol das crianças com seus direitos garantidos e convivendo com as águas, com as florestas, com a terra. São elas de territórios das águas, do campo e da floresta. Do Brasil e do planeta. Urge, então, gritar a favor de políticas públicas que garantam os direitos das crianças à Natureza!

¹ *O que está submerso ou aparecendo nas águas, então, a criança, flor das águas.*



Foto: Eliseu Pereira

CRIANÇA DO RIO, FLOR DAS ÁGUAS!

O projeto de pesquisa Gramáticas Sociais das Águas por crianças amazônidas da Região do Baixo Tocantins (PA) é um trabalho pedagógico de escuta, de intercâmbio de saberes, de investigação, de registro e de difusão de culturas infantis, realizado pelo Grupo de Pesquisa e Extensão de Bubuia Amazônica. Contemplando uma década², esse tipo de pesquisa ocorre em parceria com acadêmicos, moradores de comunidades tradicionais dessa região, pertencentes a grupos étnicos como quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, camponeses que fazem fronteira ou situam-se em territórios de águas, com ênfase nas vozes e nas expressões das crianças, e desde suas produções infantis. Neste intento, colhemos em filmes, em fotografias, em depoimentos, em textos, em desenhos e em áudios as sutilezas das infâncias de crianças em seus modos de brincar e de interagir, mobilidade e circulação nos espaços. De outro modo, um intercâmbio no qual pesquisadores, acadêmicos e crianças vivenciam encontros de fazer e de brincar, de dizer e de entreter-se sempre aprendendo entre si. O projeto deteve-se em olhar as crianças no contexto comunitário de diferentes comunidades na perspectiva de apreender e de compreender como elas vivenciam suas infâncias, como brincam, como interagem com o território e a experiência de coexistir nos cursos de águas (furos, igarapés, rios, praias, cachoeiras etc.). Ao mesmo tempo, estivemos dialogando com escolas do campo das respectivas comunidades, precisamente, centrando na Educação Infantil como possibilidade de refletir acerca do mundo infantil da Primeira infância, também, nesses espaços.

Nessa parte, realizamos encontros com educadores, com lideranças locais, com pais e com os acadêmicos, discutindo temas diversos como a diversidade cultural da Amazônia paraense e as infâncias plurais; a Amazônia das crianças; o brincar e o direito à natureza pelas crianças; memórias infantis por adultos; os aprendizados no contexto familiar e por meio de manifestações culturais comunitárias, entre outros. As reflexões, suscitadas por situações socioculturais distintas - comunidade e escola - conduziram-nos a reconhecer que as crianças são únicas, percebedoras, desejosas, imaginantes, memoriosas, falantes, pulsantes e pensantes.

² Iniciamos em 2012, com o Projeto "Travessias, identidades e saberes das águas - cartografia de saberes de populações ribeirinhas no município de Abaetetuba/PA" (PIBIC/UFPA, 2012-2014).

Em cada comunidade, a pesquisa fez gapua de saberes das crianças em suas brincanças e interações com a natureza das águas. E, nessa natureza, são gigantescas suas vivências de passeios de canoas. A construção de brinquedos com destroços vindos com a maré (moto d'água). Remar, apreendendo dessa manifestação popular milenar. Interações entre adultos e entre pares de crianças, e assim vimos elas participando da escola da vida como gramática social pela linguagem do rio, pelos saberes das águas. Dessa parceria, a pesquisa buscou aprofundar e exercitar o olhar para os modos de convívio com as águas. Entre tantas possibilidades, foram brincadeiras recorrentes pira pega n'água e pular no rio. Das interações e aprendizados com as águas, prevaleceu o banho de rio e o nado, lembrando que brincar e interagir são dimensões interligadas. Em cada comunidade e com atenção ao percurso das marés, das crianças e do caminho metodológico, observou-se, coletou-se, registrou-se e refletiu-se sobre gramáticas sociais das águas por crianças amazônidas, sempre as escutando, o que formou um conjunto de vozes, de brincadeiras, de corpos, de ensinamentos, de cotidianos infantis. Em suma, entre matas verdes, amareladas, cores de flores, sopram folha e vento. Em pé na ponte, avistamos o rio Acará ou o Baixo e Alto Itacuruçá, o Campompema, o Taurá-Açú. Simples, largo, de águas escuras e sol escaldante. Ouvimos o som do vento e do barulho de rabetas. Também, as vozes das crianças. Olhamos em trocas, repetidamente, seus corpos afundando, ouvimos risos e sussurros misturando-se às águas. Vimos mãos apoiadas em maraus ou pontes. Braços e pernas se movimentam, disparam, mostram aprendizes e mestres n'água. A respiração é ofegante, desejos e destrezas ficam evidentes. Vimos um corpo-água, reluzente no rio. São crianças do Pará que, nascidas às margens, realizam a poética das águas em arte e criação, em deleite e fuga³.

Seguimos o fluxo, pelas águas das crianças.



³ Cenas da Amazônia das Crianças em Comunidade Tradicionais (2012-2025).



Gramáticas sociais

Gramáticas Sociais são um conjunto de ensinamentos, formas de interação e regras sociais criadas por cada grupo social/comunidade distinta e que afirmam as pessoas em suas formas de viver e de perceber o mundo (2015, 2015a).

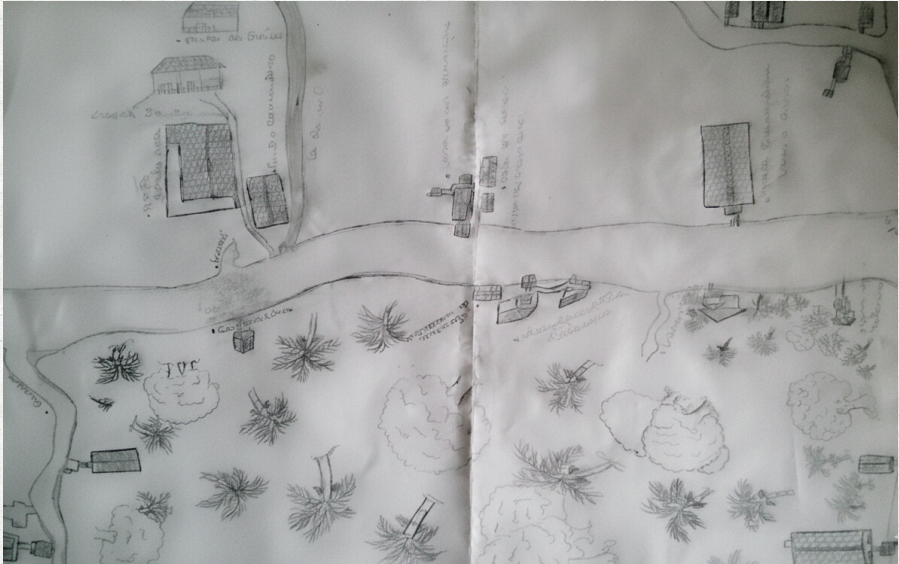
Gramáticas sociais das águas

por crianças tratam de suas produções de existência num desaguar de acontecimentos, trânsitos, e criações lúdicas, brincantes e interativas que partem das interseções com a natureza.

São gramáticas sociais de conexão e de pertencimento com os cursos de águas, afirmadoras de sujeitos e sujeitas de suas histórias.

Os corpos-água das crianças traduzem infâncias outras, marcadas por resistências afirmativas.

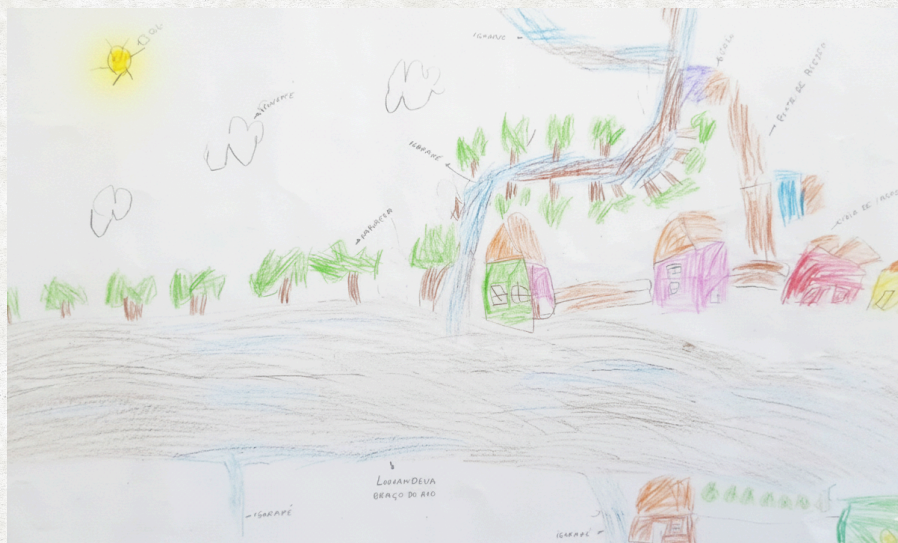
Espaços Interáguas



Rio Tauerá-Açú, Alessandro Bararuá (9 anos)



Rio Campompema, Julinho Silva (7 anos)



Rio Quianduba, Lourane Silva (5 anos)

*"O lugar tem a ver com a casa,
com o rio, com o igarapé."*

Alessandro Bararuá (9 anos)

Trapiche



Marau



Rabeta e rabudo



Maloca



Anhinga



Abecedário das águas



Açaizeiro



Balanço



Canoa



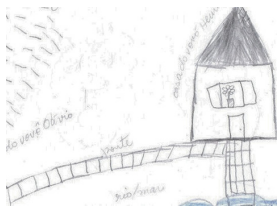
Homem pescando



Casa



Matapi



Ponte



Peconha



Praia



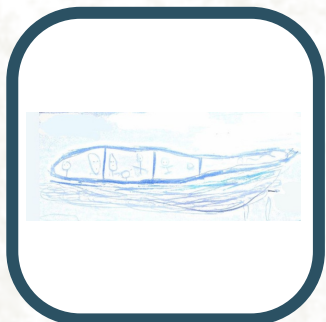
Pipa



Ramal



Rasa



Rabeta



Terreiro



Transporte escolar



Sol



Urubu

Nas
Águas
das Crianças



Foto: Eliseu Pereira

Água... Águas



Foto: Eliseu Pereira

Água lançante, é água grandona e corre pra caramba.
(Gabriel Souza, 6 anos)

Água de brincar, água de beber, de tomar banho, com gás, água de poço, de rio.
(Grupo de Crianças, Tauerá-Açú)

Porque são muitas águas.
(Iury Mancio, 9 anos)

Água salgada e doce.
Água suja e limpa.
(Iury Mancio, 9 anos)

São águas do meu dia a dia.
(Emanuel Santos, 7 anos)

Fica quente a água quando esquenta o sol.
(Isabela Pinheiro, 5 anos)

A água faz parte do rio.
(Flávia Nascimento, 9 anos)

Água vai prum lado e pro outro, é a maresia.
(João, 4 anos)

São águas, porque vai longe.
Muita. Infinita.
(Iury Mancio, 9 anos)



Foto: Eliseu Pereira



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

O rio tem a ver com água, porque eles são tipo, irmãos. Estão juntos, tipo a água e a terra, assim a água seca vemos a terra, e quando a água enche, ela cobre a terra.
(Guilherme Costa, 5 anos)

*Com a água, a gente pode tomar banho, lavar louça, a roupa e a casa também.
(lury Mancio, 9 anos)*

*E, mais tem que passar por uma limpeza pra nós poder beber, sabe? Tipo um escorredor, como se escorre macarrão, que sai assim aquela água. Pra tirar aquele lixo da água, limpar a água pra nós poder beber.
(Flávia Nascimento, 9 anos)*



Foto: Arquivo De Bubuía Amazônica

Beira

Beira é quando sai
da casa e vai pra lá.

(Guilherme Costa, 5 anos)

A gente mora perto da
beira, num contexto de
lama. Assim, porque a
água vem e bate e, se a
gente pisar, afunda.

(Natalia de Jesus, 7 anos)

Pra ir à cidade, vai no
barquinho por ali, no
rabudo, pra chegar
lá na beira.

(Kleiverson Cunha,
5 anos)

Rio

No rio parece que é
a água sem fim.

(Lury Mancio, 9 anos)

A gente tem o rio à
nossa disposição.

(Mayellem Barbosa, 10 anos)

A gente faz tudo. Anda pra lá
e pra cá na rabeta.

(Mayellem Barbosa, 10 anos)

O igarapé é mais estreito, o rio é
comprido, grande, onde as pessoas
passam com motor, rabudo e com
tudo que é tipo de coisa.

(Alessandro Bararuá,
9 anos)

Natureza

O papai coloca rede e, às vezes, só pega sacola, eu acho que é por causa da poluição que a professora falou que tem no rio. A gente tem que parar de jogar lixo n'água.

(Kleiverson Cunha, 5 anos)

O rio faz parte da natureza, porque vem da natureza e é uma paisagem natural, é uma criação de Deus. Gostamos de apreciar. Por exemplo, à tardinha, nos sentamos na beirada das pontes e ficamos conversando e olhando as movimentações que acontecem nele.

(Alessandro Bararua, 9 anos)



Eu pego sapo com a mão.
(Gabriel Maciel, 5 anos)

Eu escolhi esse lugar, porque eu amo a natureza, e eu sonhei sendo uma borboleta no casulo.
(Maria Valentina da Silva, 9 anos)

Por aqui corremos, andamos descalços em quase todos os lugares, principalmente na lama.
(Diana Vilhena, 9 anos)

A natureza é onde a gente vê o verde. Todo lugar eu vejo natureza. Quando eu saio de casa, vejo as árvores, o mato, o céu, a rua, o igarapé. Mas tem gente que suja a rua, joga lixo, enche os rios de sacolas e se sujar o rio não vai ter peixe, porque o peixe não vive na sujeira, morre.

A gente tem que cuidar da natureza, não cortar as árvores e nem matar os animais.
(Diana Vilhena, 9 anos)



Onde moro

Moro no rio Tauerá.
(Alessandro Bararuá,
9 anos)

Moro em terra,
mas perto do rio.
(Diana Vilhena, 9 anos)

Eu moro lá pra baixo, é
lonjão, tem que pegar o
rabudo e vai, vai até chegar
numa casa que tem dois
barcos no porto.
(Kleiverson Cunha, 5 anos)



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Foto: Eliseu Pereira



Brincar



Foto: Eliseu Pereira

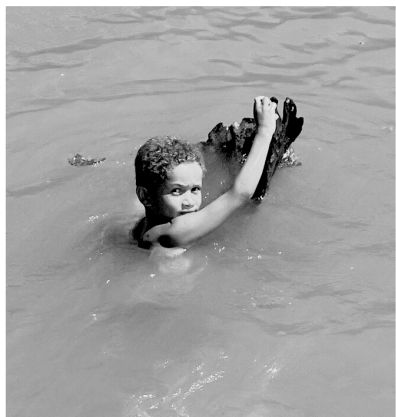


Foto: Arquivo De Bubuiá Amazônica

Minha moto d'água

Gosto de subir nas árvores
junto com os outros.
(Ramon Maciel, 6 anos)

No quintal, porque
dá pra correr e gritar
sem ter alguém
dizendo pra parar.
(Júlia Andrade, 4 anos)

Quando a gente tá
brincando no rio ou na
terra, é uma felicidade
tão grande que fazemos
tudo que a nossa mãe
ou a vó manda, sem
demorar muito.
(Isabela Sena, 5 anos)

Na praia, eu posso tomar
banho e brincar na areia.

(Maria Helena Santos,
6 anos)

Quando a maré tá grande,
é bacana; a gente sempre
brinca na água.

(Alexsandro Pontes,
5 anos)

Gosto de brincar aqui, jogar
futebol, nadar e pescar com
meu pai e meus tios. Prefiro tá
fazendo essas coisas do que
ficar assistindo televisão.

(Emanuel Santos, 7 anos)

Brinco no rio de tábua, faço
uma prancha para *anadar*.

(Guilherme Costa, 05 anos)

Amazônia

Precisa cuidar das plantas,
não queimar ou derrubar as
árvores, diminuir o lixo.

(Heloise Francine, 11 anos)

Eu acho que moro em frente,
porque é perto do mato.

(Hendria Fernanda, 8 anos)

Os bichos são habitantes
da Amazônia.

(Wendel Junior, 11 anos)

A árvore é a casa dos
passarinhos.

Pessoas pegam peixe.

Há na floresta amazônica
botos, desmatamento.

Milhares de espécies de
peixe, petróleo; o rio é o
maior do mundo.

O açai é da Amazônia.

Precisamos proteger a
Amazônia, plantando,
cuidando, não jogando lixo
no rio, na rua, na cidade.

(Grupo de crianças do rio
Tauerá-Açú)



Foto: Eliseu Pereira

Sons da natureza

O barco já vem, que nos
leva pra escola.

(Adenilda Moraes,
10 anos)

Na terra tem o barulho
das frutas quando cai
das árvores, manga,
bacuri, abiu etc.

(Grupo de crianças)

Eu sei o barulho da
rabeta aqui de casa,
quando o papai chega
da cidade, eu já tô
esperando ele no porto
pra ajudar a carregar as
compras que traz.

(Diana Vilhena, 9 anos)

Quando a gente vai pra
casa da titia, a gente
escuta o barulho das
folhas das árvores
balançando pro lado
e pro outro.

(Grupo de crianças)

Barulho da maresia, que
fica do motor no rio.

(Ana Sousa, 6 anos)

Aqui no sítio, a gente ouve
os sons dos passarinhos
cantando, da maresia na
água, que, quando vem,
bate na beira e faz “bum”
na escada.

(Grupo de crianças)

Escola

É um lugar que tem um bocado de
sala que a gente estuda, tem cadeira,
professora. A gente desembarca lá no
porto e vem correndo, mas é longe e
a gente tem que vir todo dia senão
fica burro professora.

(Kleiverson Cunha, 5 anos)



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Não tem brinquedo pra gente brincar aqui na escola, só estuda.
(Gabriela Pantoja, 5 anos)

Brincamos com coleguinhas e aprendemos a escrever nosso nome.
(Milena Costa, 5 anos)

Transporte escolar

A escola é longe, só dá pra ir de rabeteiro.
(Amanda Silva, 5 anos)

Como as crianças de lá não têm rabeteiro igual a gente, a mãe deles vem deixar eles na escola. E quando chove, eles se atrasam pra chegar ou chegam todos sujos por causa da lama no caminho.
(Grupo de crianças)

Não pode ficar em pé dentro do barco, nem colocar a mão pra fora, temos que ir sentados.
(Kleiverson Cunha, 5 anos)



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Vida beira-rio

Eu conheço tudo aqui.
(Diana Vilhena, 9 anos)

O papai vai de rabudo pelo rio, cedinho vender açaí. Nós já fomos com ele, que a mamãe me levou para consultar. Eu não gostei porque o rio ainda está escuro. E a mamãe falou pro papai que sair muito cedo é perigoso, por causa dos piratas.
(Guilherme Costa, 5 anos)

Todos nós somos livres, por isso que eu gosto daqui. Aqui a gente tem a natureza à nossa disposição, além das frutas que podemos apanhar para comer. Temos o açaí que eu gosto muito. Também, a rabeta que agora estou aprendendo a fazer ela funcionar e pilotar o rabudo, papai tá me ensinando, pra eu ir sozinho fazer viagem pra mamãe.
(Vinicius Barbosa, 9 anos)



Foto: Arquivo De Bubuíá Amazônica

Brincares de água





Água na sacola

Pegamos água no rio, colocamos em uma sacola e jogamos no outro, é bacana porque não dói, mas só dá pra fazer quando já vamos tomar banho, porque molha. (Diana Vilhena, 9 anos)

Pira sacola

Os participantes ficam em cima da ponte, e apenas uma pessoa, escolhida, fica com a sacola. Esta pessoa pula da ponte no rio tentando esconder, afundando, a sacola. Depois ele/a sobe rapidamente para a ponte, juntos com os outros participantes. A partir daí, todos ficam bem atentos, para ver a sacola boiando. Com a sacola vem boiando, os participantes pulam novamente no rio, para tentar pegar a sacola, e a pessoa que consegue pegar a sacola é o ganhador da partida. (Manoela Jesus, 8 anos)

Pato ganso

Eu, Júlia, Maeli e a Micaela inventamos. É assim, eu sou o pato aí venho tocando na cabeça falando pato, pato, pato e se eu tocar na cabeça de alguém e falar ganso, essa pessoa tem que correr atrás de mim e, se não pegar, vou ter que ser a mãe de novo. E se me pegar, vai ter que falar isso de novo e segue a brincadeira. (Flávia Nascimento, 9 anos)

Pira pega

Porque pira na água tem que nadar, e na terra tem que correr. (Flávia Nascimento, 09 anos)

CORPOS N'ÁGUA



Jogo de futebol



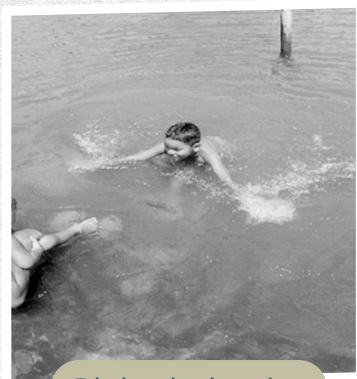
Disputa de se equilibrar no tronco



Mortal



Disputa de quem fica mais tempo com pés ao alto



Bicho boiando

DEMAIS INTERAÇÕES NAS ÁGUAS



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

O rio não é só caminho
das águas. É também
brincadeira, aprendizado
e identidade.

Remar

Eu gosto, é divertido
remar pelo rio e passear.
(Geovanna Alissa, 5 anos)

Pra remar, a gente tem
que remar desse lado pra
atravessar pro outro lado.
Aí, quando vai muito pra
lá, a gente rema com esse,
aí vai indo reto. E quando
vai dobrando pro outro
lado a gente rema desse
aí, e assim vai.
(Flávia Nascimento,
9 anos)



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Banho de rio

Eu gosto, a água
bate no corpo.
(Maicon Santos,
5 anos).

No rio é um
banho natural.
(Yuri Mancio,
9 anos)

Quando a mamãe não
deixa tomar banho, a
gente vai pro celular
(Sabrina Silva, 9 anos).

É relaxante e gostoso. No
chuveiro a água cai só na
cabeça, e no rio a água
passa no corpo inteiro.
(Yuri Mancio, 9 anos)

Só não toma banho no rio
quando lava o cabelo.
(Sabrina Mancio, 8 anos)

Tomo banho no rio todos os dias; aproveito
para me divertir na água brincando de pira
pega, já que o rio é grande.
(Luiz Silva, 4 anos)

A mamãe não deixa eu tomar
banho no rio com o sol quente,
porque posso adoecer.
(Guilherme Costa, 5 anos)



Foto: Arquivo De Bubua Amazônica

Eu amo tomar banho
no rio de manhã.
(Isabela Sena, 5 anos).

Brinca e toma banho tudo
junto quando a maré tá
grande. Agora tem o risco
do bicho sucuriçu.
(Rogério Nobre, 8 anos)

Anadar

Solta do pau, bate o pé na água, bate a mão na água e nada.

(Gustavo Santos, 5 anos)

Eu sou café com leite, porque eu não sei nadar rápido.

(Ester Nonato, 4 anos)

Anadar, é uma coisa que aprendi com meu pai e avô.

(Melinda Aragão, 6 anos)

Também, só brinca na água quem já sabe anadar.
(Grupo de crianças)

Depois que aprendi a nadar, a mamãe me deixa brincar com as crianças maiores na ponte.

(Flávia Nascimento, 9 anos)

Eu não posso tomar banho sozinho, só quando vai o papai ou a mamãe, porque eu ainda não sei nadar e posso me afogar.

(Ayla Gabriel, 4 anos)

Vou te ensinar nadar, é assim, ó: olha! Solta do pau, bate o pé na água, bate a mão na água e nada.

(Lívia Helena, 3 anos)

Meus pais não precisaram ensinar. Eu ficava olhando pequenininho e consegui sozinho. Primeiro eu boiava, depois, fui batendo as pernas no rasinho com ele do lado. Foi fácil.

(Emanuel Santos, 7 anos)

Eu aprendi me empurrando de um varal pro outro. Mamãe me colocava e falava: bate o pé e a mão junto. Às vezes eu queria tomar banho com a Ariel em, que mora aqui no rio de casa, e a mãe dela me ensinava também. Foi assim que eu aprendi.

(Olívia Fonseca, 10 anos)



Pular/Saltar

O pulo flecha é um pulo n'água que a gente fica reto assim, igual uma flecha, aí a gente pega na água e vai boiar lá longe, igual uma flecha. Tu vais reto, e pára lá longe. O pulo mortal, o nome já diz: mortal. A gente pula, dando uma cambalhota e cai n'água. Mas tem que botar força na perna, porque senão a gente cai de costa ou de barriga, e dói. O pulo bomba é só pular, juntar as pernas e bum na água. Voa água lá longe, por isso que o nome é pulo bomba, parece uma bomba caindo na água: pooh. (Alessandro Bararuá, 09 anos)

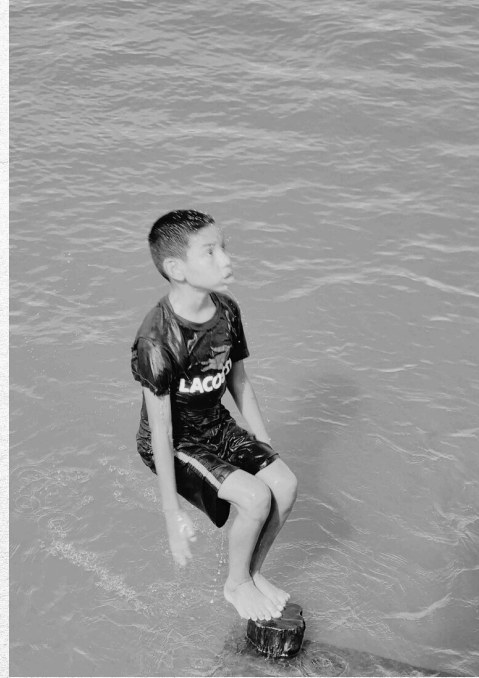


Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Tem valor ancestral o coexistir das crianças amazônicas com as crianças.



Fotos: Eliseu Pereira

Bubuia

Vem de *bubuia* na maré.
(Emanuel Santos, 7 anos)



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Buiar na água causa uma sensação boa, porque o corpo fica leve, e pode flutuar à vontade.
(Alice Barbosa, 5 anos)

Narrativas de vida

Sou feliz por viver aqui, porque podemos usufruir das coisas à vontade. Por exemplo, temos água abundante para fazermos o que quisermos. Na cidade não é assim. Um dia fui pra casa do meu tio que mora em Abaeté, ele arrumou uma piscina pra gente tomar banho, só que era muito pequenininha, só cabia duas pessoas dentro dela, aí me lembrei daqui que a gente tem o rio à nossa disposição.

(Mayellem Barbosa, 10 anos)

A história da Pacoca se refere a uma ilha que anda de noite, dizem que há uma cobra que anda e leva a ilha com ela.

(Jamilly Reis, 4 anos)

Meu nome é Flávia, eu moro no Tauerá-Açú, nós toma banho no rio com a boia do Isaías. Vamos lá pra fora brincar, quando nós desequilibra, voltamos, dá um mortal por dentro da boia sem encostar, pula, faz o pulo flecha e o pulo normal da ponte e fica brincando.

Yuri, o menino canoeiro

No rio parece que a água é sem fim.

Iury Rafael (9 anos)



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Yuri gosta de conversar e tem conhecimento do mundo das águas; prova disso é que sabe nadar e remar com destreza e alegria. Quando se trata das águas, o menino tem sempre uma invenção à vista e em conexão com as marés e maresias, com as canoas, com os banhos de rio. Como canoeiro, cedo e na família, aprendeu a nadar e a remar, conforme o fragmento a seguir: *Com meu primo, pai e meu padrinho, em que a gente tava tomando banho e ele me chamou [o primo] dizendo, bora lá no meio do rio? Eu fui e quando eu vi, já estava nadando, indo lá no meio do rio. Do mesmo modo, ocorreu com a canoa. Eu tava no casco, aí eu pedi pra mamãe pra eu andar de casco, aí eu fui treinando, e foi.*

Menino curioso pra aprenderas coisas, disse sua mãe, principalmente quando se trata das coisas do rio. Pilotar o casquinho é o que ele mais gosta de fazer e explica: *é natural pra mim remar.* Tudo tranquilo. Enquanto existem colegas seus com medo de remar no rio. Suas aventuras se dão, em sua maioria, nas águas, como mencionamos. Uma outra aventura é a pescaria na companhia do pai e do avô. Com esses, costuma pilotar rabeta ou a balsinha. Por isso, galga expertise no assunto, bem como habilidade corporal com pontes, maraus, embarcações, terra não firme etc. O menino canoeiro e da escola fica sempre atento ao que se passa no caminho das águas. *Vou pra escola de moto, e tem uma balsinha lá em casa que atravessa bem ali, naquele trapiche e, na vinda, venho de barco, no escolar.* Costuma ser bem relacionado com as pessoas, com o lugar e com toda natureza.

As águas sem fim do rio Acará ficam na ilharga de sua casa e na de seus amigos Laura, Melinda e a Samilly, os quais auxiliam e animam as traquinagens. Afinal, brincar é se divertir, é uma coisa que deixa a gente forte [...], porque a gente corre, a gente pula, a gente perde umas dobrinhas. É uma coisa que a criança faz, e estudar.

Para ele, no rio,
água é sem fim,
devido aos diversos
usos, movimentos,
coisas e confluências.
A água é proteína. A
gente pode tomar
banho, a gente pode
lavar louça, roupa
e a casa também.
Nesse rio tem peixe,
boto, jacaré, limo,
lama, rabeta, barco,
árvores, balsa,
barco que vem de
Belém e do Acará.
Tem água salgada
e doce. Tem água
suja e limpa.

Sua vida
de canoeiro
ilustra o viver
margado,
embarcado
às margens
de águas
amazônicas.



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Ana Letícia, contadora de histórias

Cada um tem sua história.

Ana Letícia Gemaque (2024)



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Ana Letícia nos encanta com suas histórias. Gosta de conversar e, dessa forma, mistura suas narrativas com saberes e relações de convívio com o lugar onde mora. Outras vezes, conta situações que aconteceram com amigos, irmãos ou familiares.

Uma exímia contadora de histórias, emprega bem as palavras, faz entonação de voz e transmite de forma envolvente. Por exemplo, para suas irmãs mais velhas diz assim: essas pequenas.

Seu contar envolve, também, o cotidiano, e sobressai o rio, que, segundo ela, no rio tem mais água, por isso considera uma bondade do rio para a vida e para brincar. Enquanto que, no aspecto da natureza, narra assim: *Uma vez o papai achou um peixinho, aí o papai botou pouca água e ele morreu.* Outra história contada pela menina, é a do nascimento de seu irmão.

A primeira nasceu em casa, a segunda e a terceira no hospital e o meu irmão mais novo nasceu na “Salmo 23” [nome da lancha]. Ele nasceu na lancha porque não deu tempo de chegar ao hospital de Belém. Aliás, no meio do caminho meus pais decidiram voltar para casa, já que a criança tinha nascido. Nesta história, ficam nítidos os desafios de viver no campo-amazônico no que tange à condição de acesso ao sistema público de saúde. Aconteceu, então, de o menino José Miguel nascer, às margens, próximo à cidade e Belém-PA.

Para contar suas histórias, a menina utiliza a observação da natureza e a escuta dos antigos. Sempre tem respostas, exemplos, perguntas, causos como tentativa de apurar o contexto de uma prosa, ou seja, faz relações entre coisas, assuntos etc. Então, mais uma da menina: *Não tem o Miguel? Ele gosta de açai. Sem contar que o vovô, ele gosta muito dele, e quer carregar o Miguel toda hora, ele não quer soltá-lo.*

Suas narrações nos remetem ao que Benjamin (1936, p.5) afirma: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”, e é bem assim que Ana Leticia se faz contadora, com sua rica leitura de mundo e, de modo atrativo, trança vivências e o cotidiano em que vive. E na arte de contar sai transmitindo, informalmente.

Cada um tem sua história, é parte do fragmento quando ela contava a história do nascimento do seu irmão. Situava-nos com essa história, de que cada ser humano possui a sua história, única.



Melinda, menina aventureira

Cada um tem sua história.

Ana Letícia Gemaque (2024)

Foto: Arquivo De Bubuía Amazônica



Melinda é uma garota ativa e de imaginação fértil. Ama aventuras e as realiza com facilidade e agilidade, desde ações brincantes até situações com os seres encantados, por exemplo.

No seu pensar, inclui sempre o como gostaria que fosse, por isso o rio é azul, e, no espaço interáguas, as casas vivem na água. No rio, ama ficar embaixo d'água e pular da ponte. *Anadar no fundo do rio* a desafia bastante. Por isso, ela sempre está envolvida em alguma peripécia desse tipo. Dessas aventuras de rio, resultou sua aprendizagem precoce do nado. *É uma coisa que aprendi com meu pai e avô*, afirma a menina. Nas aventuras da pequena, andar de casco no rio com suas amigas está sempre presente, sendo parte o entusiasmo e a alegria, *nós rema, nós cai na água*.

Torna-se um momento de socialização, aprendizado e parte do construto identitário nesse contexto, ou seja, são aventuras de águas, de terra e da floresta com sentidos de quero mais.

São aventuras que giram em torno do ambiente social/natural do território onde mora. Logo, segundo ela, *a beira do rio é legal. Brincar de boneca no quintal, tomar banho no rio e viajar para a cidade*.

Outra aventura que gosta de praticar é subir nas árvores e colher os frutos como jambo, cacau, ingá, açaí, manga. Também, aprecia caminhar às margens do rio quando a maré está baixa ou atravessar o rio em balsinhas, correr no quintal em companhia de bichos.

Outra aventura que gosta de praticar é subir nas árvores e colher os frutos como jambo, cacau, ingá, açai, manga. Também, aprecia caminhar às margens do rio quando a maré está baixa ou atravessar o rio em balsinhas, correr no quintal em companhia de bichos.



Foto: Arquivo De Bubuia Amazônica

Na terra, suas aventuras são correr no ramal, subir em pontes experimentando-se em equilíbrio e na sujeira da lama. Costuma se juntar com amigos na casa de uma delas, Ana Laura, e ali realizam aventuras em grupo, como banho de rio. O certo é que a menina aventureira está sempre atrás de jeitinhos para viver invenções marcantes, fantasias de criança. Como toda aventura, pressupõe o zelo pela vida, por isso seus pais não a deixam circular sozinha pela comunidade, devido aos perigos.

Alguns dos autores mirins



**Alessandro
Bararuá**



**Emanuel
Santos**



**Alice
Barbosa**



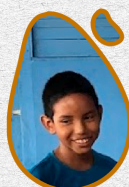
**Ana Letícia
Gemaque**



**Flávia
Nascimento**



**Maria Valentina
Silva**



William



**Diana
Vilhena**



**Heloíse
Macedo**



**Melinda
Ayume
Aragão**



**Elisa
Maciel**



**Helena
Macedo**



**Sabrina
da Silva**



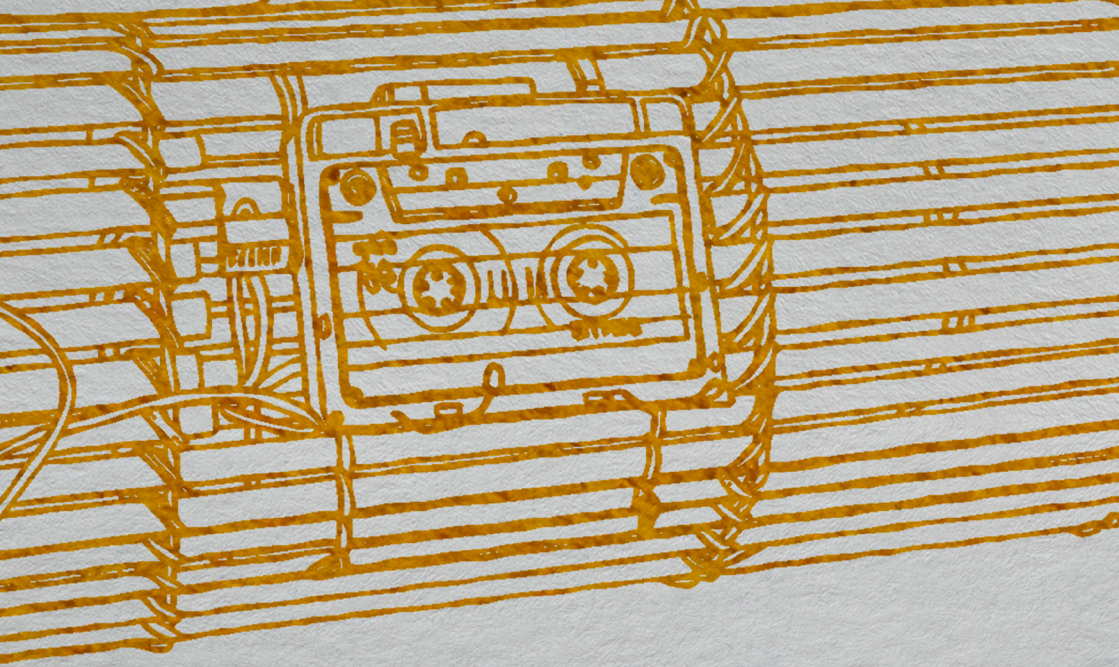
**Yuri
Rafael
Mancio**



**Eliana Campos
Pojo Toutonge**



**Grasiela da
Cruz Almeida**



Concretamente, atravessamos rios, mares e tempos, sentamos com pessoas nas beiras e, assim, fomos construindo relações (crianças e pesquisadoras) permeadas por diálogos, brincades, contades, ouvires, histórias. Aprendemos, mutuamente, regras e táticas de jogos, de brincadeiras e do nado, banharnos nas águas dos rios Baixo e Alto Itacuruçá, Acará, Campompema, Taverá-Açú, entre outros. Foi um encontro nas águas das crianças, na perspectiva de fazer da investigação um brinquedo, um espaço- tempo do brincar.



UFPA

